

SUPLEMENTO LITERÁRIO



O *Suplemento Literário* de setembro oferece aos leitores um ensaio de Julio César Monteiro Martins a respeito da recepção, na Itália, das obras de Machado de Assis e Guimarães Rosa; um texto delirante de Luis Gonzaga Vieira; contos de Alciene Ribeiro Leite, Marcos Vinícius Teixeira e Marcílio França Castro; poemas de Paulinho Assunção, Kiko Ferreira e de poetas que se apresentaram no projeto de leitura, vivência e memória de poesia *Terças Poéticas*, nos jardins do Palácio das Artes. O projeto já conta com 145 edições desde seu início, em 2005, com curadoria de Wilmar Silva. Além de Wilmar, outros três poetas foram selecionados para uma mostra do que é apresentado nesse evento: Luiz Edmundo Alves, Jovino Machado e Milton César Pontes.

A ilustração da capa é de Rosa Maria Schettino Raposo, fluminense de Barra Mansa, que há anos reside em Belo Horizonte. Começou a ilustrar no SLMG na década de 80. Formada pela Escola Guignard e premiada diversas vezes, é autora de capas e ilustrações de livros infanto-juvenis.

Ao mesmo tempo em que é lançada na edição de papel, uma outra edição, eletrônica e em PDF, pode ser visualizada pelos internautas no site da Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais, o que acontece desde 2005.

O que poucos sabem é que, em dezembro de 2004, um projeto coordenado pelo professor Jacyntho José Lins Brandão disponibilizou todas as edições do SLMG, até então publicadas, no site www.lettras.ufmg.br/websuplit. Com essa iniciativa, é possível ter acesso aos poemas, contos, críticas ou qualquer obra publicada em uma das mais de 1.200 edições do *Suplemento Literário*. Estão lá todos os exemplares, desde o primeiro, lançado no dia 3 de setembro de 1966.

Com a disponibilidade na rede de computadores, é contemplada a intensa procura pelo *Suplemento* por correios eletrônicos, de outros estados e até do exterior. Os autores mais solicitados são Murilo Rubião, primeiro editor do *Suplemento Literário*, Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Luís Vilela, Adélia Prado, Oswald e Mário de Andrade e o Grupo Verde de Cataguases.



Capa: Rosa Maria

Governador do Estado de Minas Gerais	Aécio Neves da Cunha
Secretário de Estado de Cultura	Paulo Brant
Secretário Adjunto	Estevão Fiúza
Superintendente do SLMG	Jaime Prado Gouvêa
Assessor Editorial	Fabrcio Marques
Projeto Gráfico e Direção de Arte	Plínio Fernandes – Traço Leal
Diagramação	Fernando Vilasboas – Traço Leal
Conselho Editorial	Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrcio Marques
Equipe de Apoio	Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, José Augusto Silva
Estagiárias	Geizita Mendes, Mariana Novaes, Mariana Piastrelli
Jornalista Responsável	Antônia Cristina De Filippo – Reg. Prof. 3590/MG

SUPLEMINTO LITERÁRIO

Textos assinados são de
responsabilidade dos autores

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo
30130-180 – Belo Horizonte, MG
Fone/Fax: 31 3269 1141
suplemento@cultura.mg.gov.br

Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

Conto de Marcos Vinícius Teixeira

À tarde se chamava Pedro, se dizia com a lei, se enfurnava, menino, no porão. Aninhava-se, escondido e solitário, habitado por amores inventados durante o dia. No porão, colecionava garrafas vazias, pedras multiformes e frases de amor. Havia também um sofá abandonado, um motor que expulsava fios de cobre como quem coloca as tripas para fora. Não se pode esquecer, é claro, além da escuridão, os passos adultos na madeira do teto, cheia de gretas luminosas. Naquela tarde, Pedro já havia colecionado mosquitos, brincado com as paredes e perseguido várias pernas de desconhecidos. Agora fingia o sono dos justos na alcova poranesca dos esquecidos.

Com a morte do sol, a cozinha ainda podia ser disputada. Lá encontrava o pão de sal e o café preto. Café moído com braço forte, torrado com os olhos curiosos e apanhado num lugar distante da memória do menino. Mas agora que o sol não podia molhar os grãos coloridos no pátio, o menino puxava o café goela adentro com quem evita perder o passado. Na mesa onde estava preso o moedor de café havia também uma conversa reticente.

À noite, a conversa era ao pé do fogão à lenha e da lamparina. O menos engraçado era

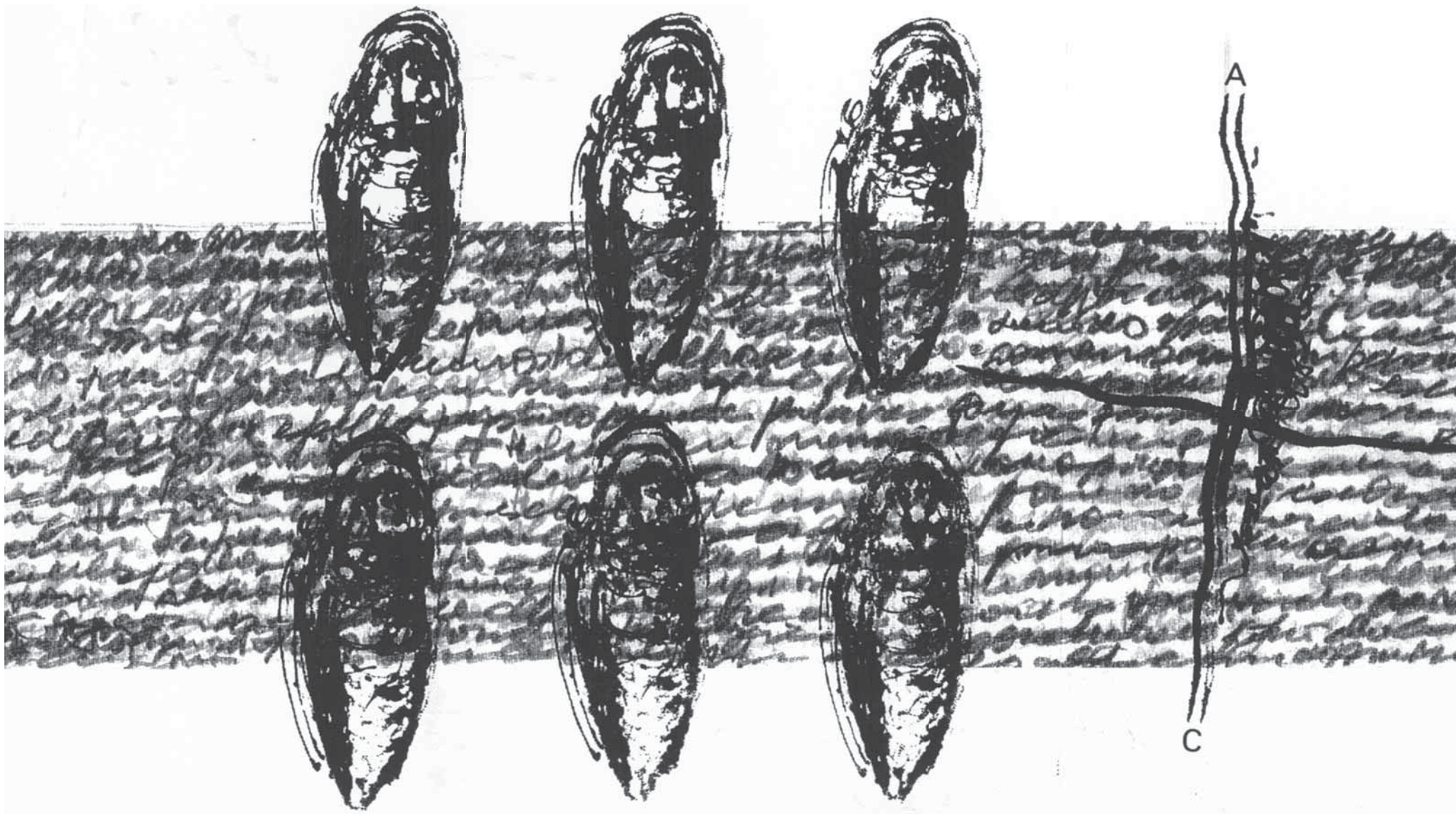
o lampião, dependurado lá no alto. A lamparina fazia as formas tremerem na parede e trazia o mistério para dentro da casa. As brasas, atrás das cinzas, emitiam um vermelho convidativo. Ainda mantinha viva a água quente da serpentina. Apagada a lamparina, a voz doce de mulata embalava o sono amoroso. O menino nunca disputava o fim da novela do rádio. Aquela vida lhe corria paralela, com o mesmo sabor da realidade tão sonhada.

De manhã, após levar a xícara no curral e beber o leite quente (o bezerro permanece com inveja), o menino Pedro corria ao pé de ameixa amarela. Sua casa estava lá em cima, improvisada com sacos e cordas. Quando chegava nos galhos altos de sua morada, chamava-se Pardal. Vigiava o canto dos sabiás, limpava as folhas derrubadas pelo vento e as sementes transportadas pelos morcegos. Nunca viu um morcego de dia. Havia noites que batia ferros e assobiava alto para afastar aquele bicho cheio de asas.

Da casa escondida no topo da árvore, o menino Pardal via os adultos no terreiro. Sempre transportando coisas e usufruindo o direito de

O MEMÓRIA CON TOR CIDO





serem úteis. A vida ficava mais triste quando organizada daquela maneira. Entrava nos olhos do menino junto com a vontade de tudo modificar. Naquele dia, além das frutas buscadas nas outras árvores, Pardal viu um pássaro de um azul diferente. Um azul que dispensava qualquer canto.

O menino desceu da árvore e resolveu crescer. Levou a sério e cresceu mesmo. No outro dia já estava grande. Ele só não sabia se era coisa da sua cabeça ou se estava grande mesmo. Correu ao espelho e viu que era verdade. A imagem se compunha de maneira nunca antes vista. Desistiu de encarar a perna dos estranhos. Agora lhe apreciava os chapéus. Uma mulher passou fumando. O menino, agora, na calçada, chamava-se João José Rodrigues.

João José Rodrigues era de uma maneira diferente, como se o corpo apertasse o ser que vai dentro. O corpo era grande, é verdade, mas o ser não lhe cabia. O ser queria frequentar o porão e o topo da árvore. O ser queria voar. O corpo lhe ordenava as coisas práticas: o direito de se sentir útil perante os outros. Dinheiro no bolso e barba na cara. Mas o homem queria voar, a qualquer custo.

Quando entardecia, seus pés o empurravam em direção ao porão. Viu-se várias vezes diante da porta baixa do lugar. Mas reteve-se. Esvaiu-lhe a coragem de entrar. Buscou logo uma ordem para si próprio e se distraiu com qualquer coisa prática. O sentimento de utilidade lhe distraía daquela situação estranha: saber-se maior por dentro. Mas já ia não se importando tanto. Afinal, se os braços eram fortes e o corpo apresentava virilidade, o ideal era servir ao mundo estranho e pesado.

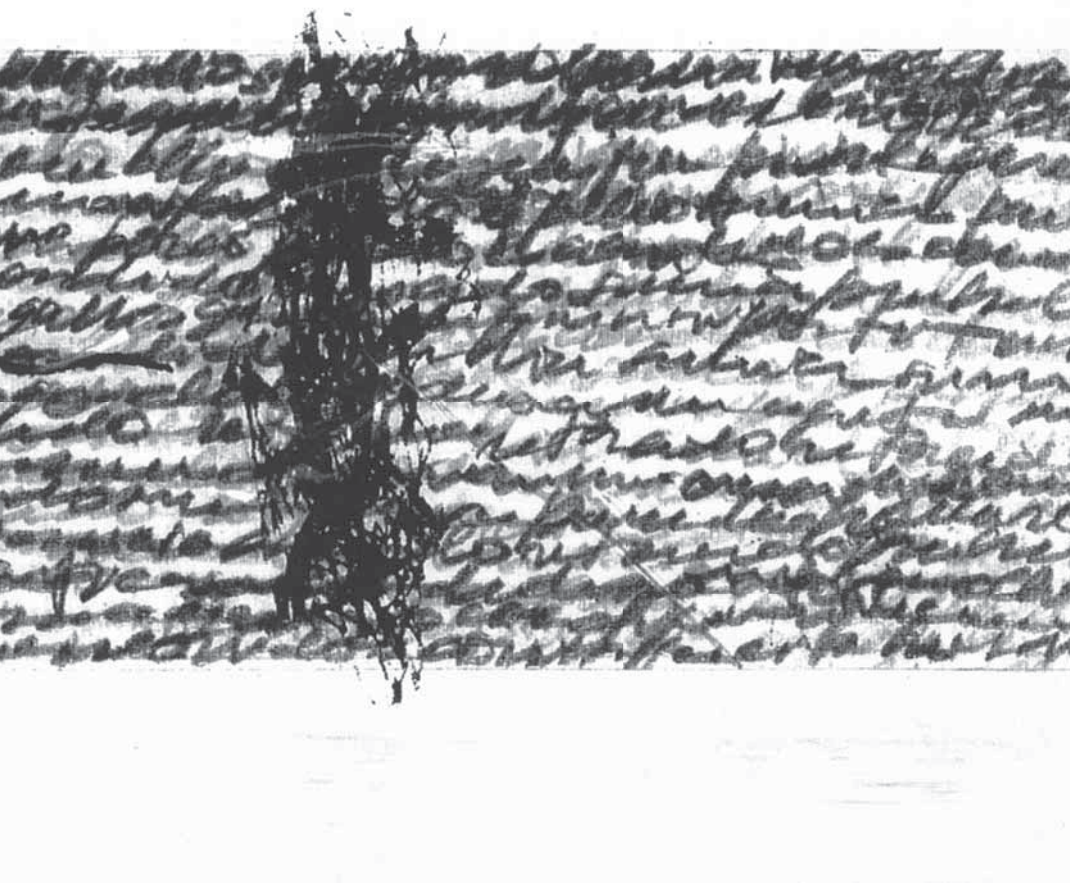
O Rodrigues, quando deitava, sabia que uma voz viria de longe. Uma voz doce das novelas do rádio. Uma voz que lhe embalava o sono, dissolvia o rigor da vida e lhe inculcava uma esperança amorosa. Ainda que nunca tivesse amado. Não se importava. O amor da realidade não podia ser superior ao amor da ficção. No sono um corpo ardente de mulata lhe procurava com os olhos de mãe.

Ao acordar, não havia mais curral. A casa era outra. A árvore no quintal era pé de pitanga. Bem menor se comparado ao de ameixa. Rodrigues se dirigiu sonolentemente para a pitangueira e olhou para o seu topo. Chegou a colocar o pé direito sobre o tronco e as mãos no galho superior. Antes de tomar o impulso, porém, deteve-se. Impulso que lhe alçaria aos céus, numa viagem cheia de asas de sabiás e urubus. João José Rodrigues contentou-se com sua maturidade e procurou o trabalho mais à mão naquele momento.

A busca pelo porão e pela casa na árvore se intensificou. Rodrigues já se via chamado de louco pelos pais, se eles ainda existissem. A busca por dois eixos tão opostos travava-lhe a vida. Curiosamente, seu corpo parecia diminuir a cada dia e seu ser buscava o topo da cabeça, na eterna tentativa de fugir do chão. Agora já tinha certeza: era mesmo um corpo de tamanho diferente a seu ser. Que força lhe comprimia contra si mesmo?

Um dia, após um longo período de sono, ainda que o sol brilhasse forte sobre as casas, o homem se levantou sem nome. Não conseguia se lembrar que tipo de nome era o seu, as letras, os fonemas. Com passadas

Ilustração de Ana Cristina Brandão



esquisitas e atrapalhadas, correu ao espelho levando a esperança de enxergar nos traços do rosto uma pista de sílaba inicial de seu nome. Precisava de um nome!

Ao se ver no espelho do banheiro, banhou-se de tremendo susto: seus olhos perderam a harmonia. Um disputava lugar com a boca, o outro buscava lugar na testa. O nariz se virou para a direita enquanto o rosto parecia olhar para o lado oposto. O pescoço também havia enviesado, obrigando a cabeça a tombar levemente.

O homem sem nome foi até o espelho que havia no outro quarto. Era um espelho grande, capaz de lhe refletir o corpo inteiro. Despiu-se no caminho, apressadamente. Após três passos sobre o carpete, pôde ver que a barriga passou a habitar suas costas, mas o peito continuava no mesmo lugar. A cintura, por sua vez, passou a permitir os passos na lateral, feito caranguejo. O homem sem nome, prestes a perder toda possibilidade de ser útil à vida, dado o corpo disforme e contorcido, sacou da gaveta um punhal e cravou no próprio peito.

Um líquido amarelo correu-lhe sobre a pele, iluminando o quarto escuro. O som de passos podia ser ouvido pela casa. Da boca saiu um pássaro azul, de um tom brilhante, e pousou no pé de ameixa surgido no terreiro. Lá de cima, passou a observar a labuta incansável os homens. O líquido amarelo infiltrou-se pelas gretas do chão e desapareceu.

MARCOS VINÍCIUS TEIXEIRA

é doutor em Literatura Brasileira pela USP, publicou, em 2006, o livro *Os deuses comem pão* (Ed. O Lutador).

Quatro poetas das

Terças Poéticas

Luiz Edmundo Alves

seria muito **Bom se**
conseguíssemos fazer da palavra um brinquedo.
dela retirar toda a responsabilidade semântica.
dela retirar todas as propriedades práticas, todos os
significados, diretos ou subjacentes,
conferindo-lhe apenas propriedades brincáveis.
que com a palavra pudéssemos empurrar, balançar,
jogar, arremessar, esquecer, viajar, celebrar.
que com a palavra pudéssemos colar cacos, pular espinhos
que com a palavra pudéssemos construir o mosaico e depois
narrar a grande aventura dessa brincadeira.
que com a palavra pudéssemos ser apenas brincantes.
nada mais.

LUIZ EDMUNDO ALVES

Vitória da Conquista, Bahia, 1959. Autor de *Sopro* (1990), *Na contra luz* (2002), *Fotogramas de agosto* (2005). Participou do projeto de leitura, vivência e memória de poesia *Terças Poéticas*, edição de 30 de agosto de 2005.

O seu O lhar

o seu olhar é meu credo
e tem o peso de uma oração

... é um coral de vozes dispersas

o seu olhar é uma tortura
e tem o peso de um aborto

...é um deserto sem deus

o seu olhar é uma tocaia
e tem o peso de um crime

...é uma flor esmigalhada

o seu olhar é uma facada
e tem o peso de um suicídio

...é um aquário de peixes mortos

o seu olhar arranhou a noite
e tem o peso de um abismo

Jovino Machado

JOVINO MACHADO

Formiga, Minas Gerais, 1963. Autor de *Balacobaco* (2002), *Fratura exposta* (2005), *Cor de cadáver* (2009). Participou do projeto de leitura, vivência e memória de poesia *Terças Poéticas*, edições de 23 de agosto de 2005 e de 05 de maio de 2009.



Borboletas

na virilha
três borboletas

nas mãos
três borboletas

nos dedos
três borboletas

na boca
três borboletas

na língua
três borboletas

borboletas
borboletas
borboletas

me arvoram
arvoram

te

Milton César Pontes

MILTON CÉSAR PONTES

Apiáí, São Paulo, 1968. Autor de *Arímic* (2003), *Sabra* (2007), *O som da voz do Gato* (2009). Participou do projeto de leitura, vivência e memória de poesia *Terças Poéticas*, edições de 05 de julho de 2005 e de 14 de abril de 2009.

Wilmar Silva

t be1jo a boca t be1jo os láb1os t
be1jo o an1mal da 1nsôn1a t be1jo
a 1nsôn1a do medo de não dorm1r e
passar o resto de sua v1da sem dorm1r
com o medo de f1car soz1nha para sempre
e jama1s me ver eu que sa1 para fug1r de m1m
encontre1 eu fug1ndo de m1m no me1o de m1m
a 1nsôn1a do medo de não dorm1r e

passar o resto de m1nha v1da sem

dorm1m

WILMAR SILVA

Rio Paranaíba, Minas Gerais, 1965.
Autor de *Anu* (2001, 2008), *Cachaprego* (2004), *Estilhaços no Lago de Púrpura* (2006, 2009). Curador do projeto de leitura, vivência e memória de poesia *Terças Poéticas*.

DO MEDO

Reflexões sobre a recepção na Itália das obras de Machado de Assis e de Guimarães Rosa

Descobrimo o ventre do continente

J á há mais de meio século os herdeiros de Dante e de Virgílio ajustam o olhar para melhor receber, sentir e compreender a linguagem e a atmosfera revolucionária que vêm dos trópicos, com as suas surpreendentes formas de drama e de tragédia.

Julio Cesar Monteiro Martins

Anes de mais nada temos que recordar que, ao contrário do que ocorreu em outros países europeus, onde os autores brasileiros até poucos anos atrás, e em alguns casos ainda hoje, eram vistos exclusivamente ao interno de um contexto “latino-americano”, na Itália já desde os anos ’50 do século passado, a narrativa e a poesia daquele continente podia valer-se da distinção entre literatura hispano-americana e literatura brasileira, uma origem justa, que favoreceu a afirmação da nossa especificidade, e que foi possível não somente pela generosa clarividência da crítica literária italiana, mas também porque os canais comerciais que favoreciam então os autores do chamado “boom latino-americano” não contemplavam, por razões editoriais e mercadológicas, os autores brasileiros. Assim, nós pudemos desfrutar aqui, desde os primeiros tempos, de uma espécie de privilégio identificador, que se consolidou num nicho cultural ainda hoje prevalente, com vantagens e desvantagens, ou seja, por um lado a integridade, por outro os estereótipos e o sentimento elitista, que sempre acompanham nichos deste tipo.

Se por um lado o “realismo mágico” hispano-americano, com os seus milagres e as suas inverossimilhanças, sua intimidade com o grotesco e com o sublime, reconvocava e reconhecia o sentido do “maravilhoso” presente em alguns autores europeus da Idade Média como Rabelais ou Boccaccio, exercendo forte influência nos novos autores europeus que o descobriam, como Ítalo Calvino e Dino Buzzati, por outro lado os autores brasileiros naquele mesmo período conquistavam a atenção de críticos, de escritores como Giuseppe Ungaretti e Claudio Magris e dos leitores mais refinados, interessados em associar à desbragada fantasia dos hispânicos um conhecimento mais profundo daquele novo mundo, que escondia o ventre do continente, com as florestas infinitas de um longínquo Império, com donzelas de olhar oblíquo e o desafio frontal do cangaceiro, os cálices de cristal com absinto e a maleita epidêmica, o positivismo evolucionista de Spencer e a mula-sem-cabeça.

Em um breve ensaio chamado “O Limbo Visto de Pertinho”, publicado na Itália nos anos ’90, eu dizia que, para o leitor italiano, nós escritores brasileiros éramos ainda “os cronistas do limbo”, os narradores de um território sem definição, ainda não adequadamente conceitualizado. Uma “miragem às avessas” que teria a faculdade de “desobstruir o imaginário europeu”. Refletia ali sobre o modo como a condição humana era



colocada à prova em obras como “Morte e Vida Severina”, ou “Maira”, ou “Vidas Secas”, ou “Quarup”, apresentando aos europeus dos anos '60 um estado crítico ímpar, inédito na dramaticidade dos seus impasses, das suas escolhas e das suas decisões, mas também, no mesmo período, a descoberta da elaboração intelectual ousada dos Modernistas, dos teóricos e artistas, filhos do Futurismo italiano e em seguida pais do Movimento Antropofágico, de Mário e de Oswald de Andrade, naquilo que os europeus reconhecem como uma vanguarda singular no panorama das Américas, uma exploração de idéias e de energia criativa que rompia a fronteira entre a estética e a filosofia, e que pela primeira vez envolvia os próprios europeus como co-protagonistas, apesar de passivos e “devorados”, de uma vanguarda artística ao sul do mundo.

O Brasil começava a assumir então, no imaginário italiano e europeu, aquela feição de síntese entre problemas novos e soluções novas, não raramente soluções grandiosas, que o caracterizaria nos anos seguintes e até os nossos dias: um reino problemático grávido de eventos milagrosos. Esta visão foi confirmada nos livros de sucesso mais recente

na península, como o “Zero” de Loyola Brandão, publicado aqui em tradução antes mesmo da primeira edição no Brasil dos gerais, o “Lavoura Arcaica” de Raduan Nassar, as obras de João Ubaldo Ribeiro, de Lygia Fagundes Telles, de Clarice Lispector e de Caio Fernando Abreu, em sintonia com uma sensibilidade de ponta

no Ocidente. Como salientou a professora Stegagno Picchio na “Storia della Letteratura Brasileira”, o olhar dos italianos em relação ao Brasil tornou-se nas últimas décadas ao mesmo tempo mais complexo, mais problemático e mais desencantado, em um certo sentido ficou mais próximo da realidade européia, reconhecendo nele os elementos urbanos e modernos que antes eram menos presentes. Um olhar em constante transformação, do muito distante ao mais ou menos reconhecível, do exótico ao universal. Trata-se, de qualquer modo, de um universo literário estupefaciente, onde o homem é apresentado no pior e no melhor de si mesmo, desprovido de véus estetizantes e exposto integralmente em uma literatura assombrosa, enigmática, terrível e sublime como a própria vida.

Dizia Guimarães Rosa, “Viver é muito perigoso... Porque aprender a viver é que é o viver mesmo...”, e esta bem poderia ser a mensagem nuclear percebida pelo leitor

italiano no seu primeiro contacto com a ficção brasileira. “Perigoso” como a outra face do risco, o seu premio possível, a dimensão do extraordinário. Esta dimensão brasileira tornou-se para os europeus uma espécie de “parede invisível” aberta para um espaço inesperado, amplo e rarefeito, capaz de despoluir a fantasia européia dos clichês acumulados durante anos, que a asfixiavam.

A presença na Itália da obra de Rosa, que Claudio Magris definiu “uma epopéia da vida e da palavra”, nós devemos aos seus tradutores: o “patriarca” Edoardo Bizzarri, que para muitos representa o tradutor italiano de Rosa por excelência, inclusive para o próprio Guimarães Rosa, e que em 1970 verteu para o italiano “Grande Sertão: Veredas”, após ter traduzido “Corpo de Baile” em 1963 para a editora Feltrinelli; Pasquale Jannini, que já em 1963 traduziu “A Hora e a Vez de Augusto Matraga”, publicado juntamente com a versão de “O Duelo” de Bizzarri pela Nuova Accademia, de Milão; Giuliano Macchi, que traduziu “A Terceira Margem do Rio” e “Nascimento”, publicados na revista *Progetto* em 1977; A. Faccio, que traduziu novamente “A Terceira Margem do Rio” em 1973; Giulia Lanciani, que traduziu as “Primeiras Histórias” com o título “Le sponde dell’allegria”, em 1988, depois relançado pela Editora Mondadori com o título “La terza sponda del fiume” em 2003; Silvia La Regina, que verteu para o italiano “Sagarana”, publicado pela Feltrinelli em 1994; e Roberto Mulinacci, tradutor para os tipos da Editora Guanda de o “Meu Tio o Iauareté”, publicado em 1999. Mas devemos esta presença também àqueles escritores e estudiosos que fizeram sempre o possível para divulgar esta literatura na Itália: além dos escritores Giuseppe Ungaretti, Claudio Magris e Antonio Tabucchi, é nosso dever citar os professores Luciana Stegagno Picchio, Erilde Melillo Reali, Ettore Finazzi-Agró, Giulia Lanciani, Fernanda Toriello, Roberto Vecchi, Mario Barbieri, Giovanni Ricciardi e Maria José de Lancastre.

Através da intuição épica de Guimarães Rosa e do racionalismo clínico, e às vezes poderíamos mesmo dizer cirúrgico, de Machado de Assis, os leitores italianos puderam entrar em contacto com grandes paixões e grandes conflitos, e os textos críticos e as resenhas jornalísticas que acompanharam a publicação das traduções das obras confirmam a unânime surpresa e o entusiasmo. A imensa figura de Luciana Stegagno Picchio, nossa maior divulgadora, escrevendo sobre a tradução de Edoardo Bizzarri do “Grande Sertão: Veredas” para a revista “L’Indice”, mencionou uma “alteridade e uma objetividade distanciada, que conferiam ao romance a aura atônita e atemporal típica das epopéias”.

“Viver é muito perigoso...
Porque aprender a viver
é que é o viver mesmo”

Paixões e conflitos portanto, num país em plena ebulição: guerras nos confins e conspirações na corte, escravos libertos, donzelas guerreiras e jagunços em disputas com o destino, vozes do além-túmulo, como a de Brás Cubas, e vozes do diabo entre as sombras úmidas das veredas, vozes que devolviam a uma Europa que se reerguia das ruínas e dos horrores das duas grandes guerras uma luz crua tropical, uma luz que ilumina tudo o que existe e que não permite que nada permaneça oculto. Ou, como escreveu Luciana, “retalhando na nova consciência fotografias de um colorido analítico”. Uma aventura coletiva, uma viagem inebriante, vertiginosa; uma passagem da quantidade de homens, das multidões brasileiras, à qualidade dos homens, à sua densidade épica. Uma literatura que, como disse o próprio Guimarães Rosa, citando Plotino em “Corpo de Baile”, é alma e sombra ao mesmo tempo, no cenário fragmentado que é o mundo.

Com efeito, para a restrita comunidade dos leitores que tinham acesso a estas traduções, era como se um rio caudaloso de sons e de imagens tivesse invadido as suas casas, e flutuando nessas novas águas os leitores se sentissem plenamente satisfeitos em certas suas necessidades espirituais, das quais nem mesmo suspeitavam a existência.

Num outro texto meu, mais recente, esforçando-me por encontrar uma definição sintética para a imagem do Brasil que emergia na Europa a partir dos livros e dos filmes que a modelavam no inconsciente coletivo do Velho Mundo, cunhei a expressão “extremo Ocidente”, retrato de uma dimensão que, embora ainda reconhecidamente ocidental, exibia um vulto desfigurado por uma história particularmente áspera, pelo isolamento de um inteiro oceano, pelos grandes espaços misteriosos, por uma pós-modernidade às vezes monstruosa, e por um sincretismo racial e cultural incomparável.

O leitor italiano está diante de escritores que desenham a face mais autêntica do nosso tempo, que constroem uma literatura irrecusável, onde os homens que nela não se reconhecem terão a oportunidade preciosa de se conhecerem finalmente. Dizia Eugenio Montale: “Tudo é interno e tudo é externo para os homens de hoje”. O leitor está diante de escritores, estes brasileiros, vindos de onde menos se poderia esperar: de uma exuberante mistura de inferno e paraíso até há pouco mantida à distância dos olhos e do coração dos homens.

A revelação do Brasil do presente só não é mais surpreendente do que a descoberta da grande arte do romance universal num escritor do Brasil do passado, Machado de Assis, legítimo representante da idade do ouro do romance, não em Paris ou Londres, em Praga ou em Dublin, mas no distante, quase impensável Rio de Janeiro do século Dezenove, como escreveu no “Le Monde” em 2005 Patrick Kéchichian.

Ao lado de Jorge Amado, Machado de Assis é o escritor brasileiro mais traduzido na Itália, e aquele cuja obra obteve o maior número de retraduições. Vejamos quais foram as traduções de Machado de Assis neste país – as primeiras, do “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Mário Silva em 1928, retraduzido por Giuseppe Alpi em 1929, e as traduções

dos anos ’30, do “Dom Casmurro” e de “Quincas Borba” apresentavam Machado ainda como autor exótico, sem o relevo e o tratamento sério que receberia nos anos sucessivos. O percurso realmente profissional das suas traduções inicia com aquela realizada por Laura Marchiori em 1951 de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, traduzido novamente em 2005 por Silvia Marianecchi. E a de “Dom Casmurro” também de Laura Marchiori nos anos ’50, assim como a sua reintrodução pela mão de Lea Nachbin em 1997 e de Guia Boni em 2006. A tradução de “O Alienista” por Rita Desti no final dos anos ’80 e a sucessiva antologia de contos traduzida por Giuliana Segre Giorgi, e finalmente “La cartomante e altri racconti”, traduzidos por Amina di Munno nos anos ’90 e publicados pela editora Einaudi – foram as obras que introduziram este autor ao público italiano. Nestas obras o leitor, já com uma visão do Brasil mais madura e mais profunda, e orientado por uma crítica rigorosa, não confirma as suas prováveis expectativas de exotismo, mas em seu lugar encontra um autor de sofisticada filosofia, senso de humor gélido, às vezes desapiedado, ironia ferina e profunda psicologia, reconhecido hoje como um dos pais universais do romance psicológico, um conhecedor das forças imensas e insensíveis que movem o mundo dos homens. Por tudo isto, o leitor italiano encontra em Machado de Assis um espírito familiar, próximo de um dos seus autores mais amados, o triestino Ítalo Svevo. Em Machado como em Svevo estão presentes, como nos lembra Susan Sontag, grande capacidade criativa e agilidade mental na análise do drama agudo oculto por detrás de questões existenciais aparentemente irrelevantes.

Machado de Assis e Guimarães Rosa, autores tão diferentes entre si, mas num certo sentido complementares na sensibilidade do leitor estrangeiro. Juntos apresentam uma literatura de infinitas possibilidades, revolucionária na forma e profunda no conteúdo. Perfeita no que diz e no como diz. Que parte de uma grande metrópole, sedutora na sua época, para chegar com o leitor às portas de um sertão inóspito e mitológico. Romances que estudam o homem em sociedade e o homem em luta contra a natureza e contra os outros homens. Que mostram o nada onde aparentemente existe tudo, e o tudo onde aparentemente não há nada.

Reconheçamos: Em cada um de nós brasileiros, mas também em cada italiano, habita o dandy de Machado e o jagunço de Rosa. Bentinho e Riobaldo. São criaturas de Deus e do Diabo. Na fantástica confusão das identidades, permanecem ainda e para sempre inconfundíveis.

A hora

é o ano de 1991
e daqui a pouco vai morrer edmond jabès. dez
minutos, talvez quinze, assim nos conta
o poeta José Ángel Valente.

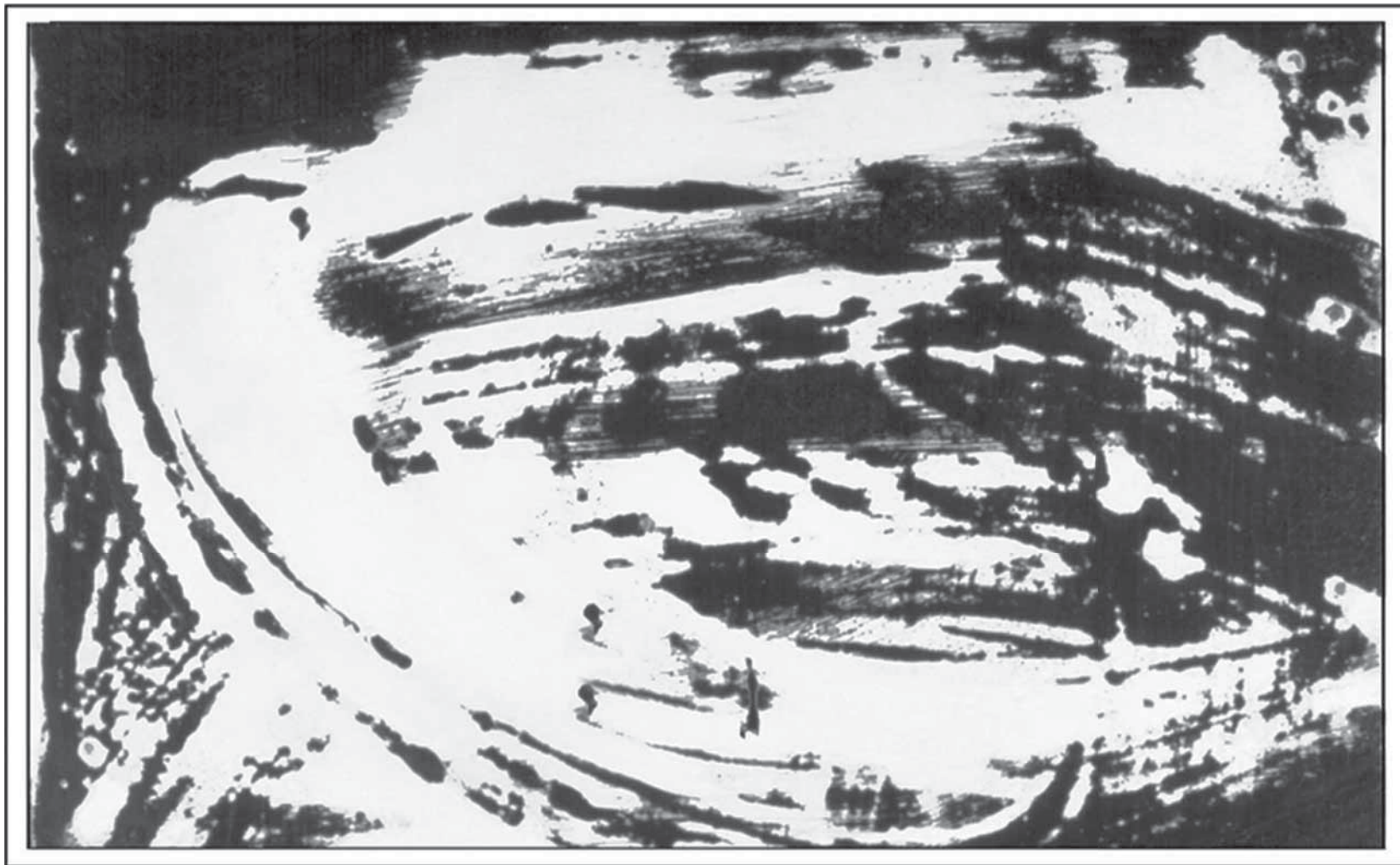
jabès lê Michel Leiris.
jabès lê o último poema
de um caderno de Leiris cujo título é fissures.
é um caderno de capa vermelha, publicado
em 90 (ano da morte de Leiris) pela editora Fourbis.

assim nos conta José Ángel Valente sobre a morte
de daqui a pouco, serão dez ou quinze minutos
para a morte de edmond jabès.

o poema que ele lê no caderno de Leiris
assim diz: pautado, fixado, cercado, nada é já nada
quando já nada está em suspenso.

jabès está na sala. José Ángel Valente não diz,
mas posso imaginá-lo em sua poltrona, posso
imaginar as suas mãos, posso imaginar
o seu fôlego enquanto lê o último poema
de um pequeno opúsculo de Michel Leiris.

Ilustração de Eymard Brandão



por um momento, arlette jabès vai à cozinha.
por um momento, eis o intervalo de dez
ou quinze minutos, arlette jabès
vai à cozinha para cuidar de um assado.

o poeta José Ángel valente não diz, mas posso
imaginar a quietude na casa de jabès enquanto
ele lê michel leiris em sua poltrona
e sua mulher arlette vai até à cozinha.

jabès lê em sua poltrona, ao lado de uma escultura
em madeira feita por piera rossi, judia sefardita
e prima de arlette.

dez minutos, quinze, um pouco mais ou um pouco
menos, isto nos conta o poeta José Ángel valente.
dez minutos ou quinze, um pouco mais, um pouco
menos até que arlette volte à sala.

jabès está morto. o caderno de leiris,
caído de suas mãos, está aberto na última página,
lá onde se lê: pautado, fixado, cercado,
nada é já nada quando já nada está em suspenso.

pouco antes de morrer
(e isto nos conta José Ángel valente),
jabès disse a arlette ter sonhado com um dia
muito claro em Paris, no jardim de Luxemburgo.
no sonho, jabès se encontrava com leiris.
no sonho, leiris o abraçava, alegre, e dizia:
“quem ia dizer que não voltaríamos
a nos ver tão depressa?”

assim nos conta o poeta José Ángel valente
sobre a morte de Edmond Jabès. assim
repite o poema do poema, redigo
o que já dito, amêndoa dentro da cápsula,
cápsula dentro da amêndoa.

foram dez ou quinze minutos
para que o poeta virasse âmbar.

da morte de Edmond Jabès

Paulinho Assunção

PAULINHO ASSUNÇÃO

nasceu em São Gotardo (MG) e desde sua estréia em livro, em 1975,
lançou obras de poesia e contos no Brasil e em Portugal, muitas delas
premiadas nacionalmente. É proprietário da Editora 2 Luas.

DISSONÂNCIAS



Luis Gonzaga Vieira

Você sabe o que são artes sensuais? Nem eu! Mas a professora Telma sabe, tanto que dá aulas em países como Brasil, Portugal e Estados Unidos. Basta pedir que ela dá: individualmente ou em grupo. Preços convidativos, só que em dólar.

E cachaça afrodisíaca, tu conhece?

Na verdade, o século 20 desmoralizou profetas e acabou com o definitivo e o categórico, segundo reconhecia Veríssimo, o Superlativo.

Ou como dizia Millôr Fernandes: séquiço! séquiço! séquiço!

Ou como dizia o papagaio lá de casa, sic transit gloria mundi, sendo que não tenho papagaio nem moro em casa, moro em apartamento com minha mulher, 10 anos mais nova do que eu, sem filhos, sem religião, nós dois mineiros, do sul de Minas, estudantes em Belo Horizonte e aposentados no Rio depois de muita luta pela sobrevivência, preparando-nos para a morte, como todo ser humano que se preza.

Se preparando pra vida, é o que você quer dizer, não? Pois a gente passa a vida toda se preparando pra vida, não é isso que você quer dizer? Como todos sabemos, aliás, o problema não é a morte, é a dor. Não é isso?

E mais este alerta: “A humanidade não tem nada para comemorar. Como festejar se há milhares de pessoas sofrendo e o desprezo do homem pelo homem é cada vez maior?” (Abderrahmane Sissako, cineasta da Mauritânia.)

Morreu cego e pobre aos 92 anos. Há também os que morrem aos 38 anos de câncer, suportando dores tremendas. E até criancinhas morrem

contaminadas nos hospitais. Faz parte da rotina. Quanto a mim, tudo o que vier é acréscimo. Ou nada. Tanto faz.

Aquele negócio: não pedi pra nascer, e passam a vida inteira me cobrando.

Olhando então a foto de 1959, em que aparecem Zélia Gattai, Sartre, Simone de Beauvoir e Jorge Amado, logo pensei, meio em estado de choque: mas como é possível eles terem envelhecido tanto?

Pode parecer incrível, mas houve uma época em que éramos todos jovens e sadios, com a porralouquice e estupidez próprias dos jovens: só de pensar nisso dá até vontade de chorar. É o caso: se era pra morrer e apodrecer, por que nascer?

Duas coisas que também me perturbam são a dor e a esclerose, quando não poderei mais ser responsável por mim. Como diziam os latinistas: o tempo urge.

Maria Helena, que se suicidara aos 28 anos de idade, surpreendeu até o próprio pai, Júlio César, que não sabia que a filha escrevia tão bem, também porque nunca se interessou pelo que ela fazia. Para ele a principal obrigação da mulher era ter filhos e cuidar da casa. Um troglodita!

Mas me diz aqui uma coisa: as mulheres seriam mais honestas e criteriosas que os homens? Mas não são todos seres humanos e, portanto, suspeitos? Ou uns seriam menos suspeitos que os outros?

Ela ri pra mim como quem diz: velhinho simpático! E o velhinho simpático vai comendo as mulheres com os olhos.

É que a estupidez sempre me impressionou muito. Aliás, tem uma porção de coisas que me impressionam muito, inclusive o fato de eu ficar tão impressionado com as coisas e com as pessoas.

Meu nome completo é Luis Gonzaga Vieira, 73 anos. Uns costumam me chamar de Luis, outros de Gonzaga, outros de Vieira, tanto faz. Minha mulher me chama de Bem mas, quando está com raiva de mim, o que é freqüente, me chama de Luis Gonzaga de forma ríspida. Ela tem razão, pois me considero um marido apenas suportável. O nome completo de minha mulher é Yvone Rocha Vieira, 63 anos, aposentada.

“E tudo foi bem assim porque tinha de ser, já que assim foi.” (Guimarães Rosa, citado por Wander Piroli em *A Mãe e o Filho da Mãe*).

Ou como diz o grandíssimo Fernando Sabino: no fim dá certo, se não deu é porque não chegou ao fim. Tem nada de mínimo não, meu! Cada ser humano é o que é e pronto, tem nada de mínimo nem de máximo não. É condição humana e pronto, tá acabado.

E não tem esse negócio de sentido e falta de sentido também não, porra! A vida não tem sentido nem falta de sentido, a vida simplesmente é, o resto é masturbação, ou metafísica, tanto faz.

Vidas que caminham paralelas e que portanto nunca se encontram.

Se o nariz de Cleópatra fosse mais curto, o mundo seria mesmo diferente?

Pascal acreditava nisso.

Quem?

Um escritor francês que gostava de apostar em Deus porque era matemático e que se sentia esmagado diante da imensidão do universo, coitado!

Quem era matemático: Deus ou Pascal?

Várias pessoas chegaram até a me dizer que sou profundamente presunçoso. Concordo com elas. Pelo seguinte: aquila non capit muscas.

Meu próximo está distante de mim, como não podia deixar de ser, assim como eu está sempre distante de outro eu, quer dizer, nunca se (con)fundem.

Você quer ser diferente, dizia o colega da faculdade.

Não quero não, respondia eu. Eu sou diferente!

Meu próximo está distante de mim, como não podia deixar de ser, assim como eu está sempre distante de outro eu, quer dizer, nunca se (con)fundem.

O Cisne de Tuonela, de Sibelius.

A vida não passa de uma fúnebre farsa em que nós, mais ou menos inconscientemente, representamos os mais diferentes papéis, pobres marionetes nas mãos do destino cego (Luigi Pirandello).

Uirapuru de Villa-Lobos a ocorrência simultânea de dois ou mais tons que soa de maneira desagradável ou desarmoniosa ao ouvido humano *Valsa da Dor*.

No sábado minha mulher e eu fomos almoçar depois fomos ao cinema ver o assédio de Bertolucci depois voltamos pra casa fomos no domingo no centro



da cidade ver as esculturas de Brennand na casa França Brasil fomos ao Centro Cultural Banco do Brasil ver Ismael Nery depois íamos ver a exposição dos espanhóis no museu nacional ali na Rio Branco mas não fomos porque a fila estava muito grande e chovia deixamos então pra outro mês.

Luis Gonzaga Vieira escreveu 35 livros entre ficção e ensaio, todos inéditos. Como diriam os amigos: toda uma vida dedicada à literatura, que descanse em paz agora.

Como se eu já estivesse me despedindo de tudo e de todos, sob a melancolia de Soledad, por exemplo, de Astor Piazzola.

Como dizia Gerald Thomas: cada um fazendo um discurso sobre o seu grande “eu” dentro desse universo escuro e vazio.

O fato dele ser tão inacessível, tão mergulhado dentro de si mesmo.

Por sinal que felicidade é exatamente isto: não ter a mínima idéia do que seja felicidade.

Como dizia Isaac Babel, citado por Rubens Figueiredo: “Ainda vou me tornar um mestre de um novo gênero literário: o silêncio.”

Títulos de dois livros que não escrevi:

- 1) ESSE SEGREDO CHAMADO MINAS
- 2) ESSA REVELAÇÃO CHAMADA RIO

NANI ficou doente grave. Nani é um amigo meu, chargista e ficcionista. SÉRGIO SANT’ANNA também está cuidando melhor da saúde. Sant’Anna é ficcionista, um dos melhores do país e, portanto, do mundo. LUIS GONZAGA VIEIRA sou eu, escritor, vivendo em contagem regressiva. Este, por sinal, é o último livro que ele está escrevendo e que deverá terminar deste modo: CANSEI.

Quem diria! Affonso Ávila está com 80 anos (eu com 72), Laís Corrêa mulher dele morreu em 2006. Grande Affonso! Tão mineiro! Tanto que nunca saiu de Belo Horizonte, onde nasceu. E sempre recebeu a gente em sua casa, bêbados ou não. Laís também nos suportava satisfatoriamente, sempre rindo. Como diria Bastião Nunes: então é isso! Essa profunda, descomunal melancolia. Valeu?

DE M Ê N C I A 72 A N O S 13/07/08

Insistindo: “Mas o que mais me apavora não é a morte, e sim a perda da memória.” (Philip Roth, 75 anos. O GLOBO, 19.6.08)

Uma coisa é certíssima: e não fosse Yvone, Luis Gonzaga já estaria fodido.

Engraçado: olho pra mim no espelho e parece que estou esquelético.

Quer dizer: ela resmunga de um lado, eu de outro (todo mundo atacado de fibromialgia).

Como dizia Nero: que grande artista o mundo vai perder!

Como dói! dizia o poeta Drummond.

Que haja saco então!

A bunda das mulheres, de quem Drummond sempre gostou taradamente (escreveu até um livro a propósito, livro só publicado depois de sua morte o sacana).

A capacidade e a arte que as mulheres brasileiras têm de cadenciar a bunda, cada uma com seu ritmo (devasso?) mesmo quando são pouco nutridas, como das magrinhas. Bundas praieiras, cariocas, sem desprezar nem mesmo as bundas branqueadas das gaúchas, tipo européis leitosas, e que fazem um contraste acentuado com o bronzeado espetacular das cariocas. As bundas nordestinas não são bem vistas porque subnutridas. Seja como for, todas têm sua cadência (insinuante?), inclusive as bundas mineiras (ainda recatadas?) Uma observação: perto das bundas das mulheres, as bundas dos homens chegam a ser horrorosas (deformadas?) Não vou falar agora das coxas das mulheres, que chegam a ser suculentíssimas e que nem precisam rebolar.

Sabe o Maurício? Morreu de coração. Tava bebendo no buteco e caiu duro, não deu nem tempo de ser atendido. Foi casado com Lucinha, minha irmã, que também morreu de coração. Os dois bebiam muito, cada um mais risonho que o outro, alegrinhos. Ele com 70 anos, ela com 60. E eu com 71. Como diziam os vivos: que descansem em paz.

Como dizia Lawrence Durrell: “Estou cansado, meu querido amigo; é um cansaço mortal, como dizem os vivos.” (*Em O Quarteto de Alexandria*).

Solucei forte quando estava sonhando mas logo desviei o sonho para outra coisa menos deprimente.

Gosto muito de ver as pessoas vivendo e pensando em felicidade e futuro a vitalidade deles sendo que

para mim pelo menos não há solução e muito menos vitalidade sendo que (engasguei) *Estômago*, ótimo filme do brasileiro Marcos Jorge, não flerta com a excelência, pois o ótimo filme de Marcos Jorge é a própria excelência. Excelentíssimo, portanto. Pra dizer o mínimo.

Essa profunda satisfação de ver filmes brasileiros ótimos.

Essa satisfação em conhecer Salvador, que minha mulher acha muito bonita, bem mais bonita do que se pensava.

A vida se encarrega de me matar, não preciso me suicidar. (Parece poesia popular não?)

Padre condenado/por crime sexual/contra menores. (No O GLOBO de 30.5.08)

Ex-pastor preso/por pedofilia/denuncia colegas. (No O GLOBO de 30.5.08)

Morreu Dercy Gonçalves, aos 101 anos. Escrachadíssima ela, hem? No bom sentido!

Daí a Zélia Gattai morreu. Daí Jorge Amado morreu. Daí o Dorival Caymmi morreu. O Fernando Sabino. O Fausto Wolff. E eu. E os outros. Só dá morto, porra! (Só dá velho!)

Repetindo: João Gilberto é apenas um bom cantor e que, portanto, nunca chegou à genialidade de um Caetano Veloso, por exemplo. Como também nunca chegou à genialidade de um Dorival Caymmi, por exemplo. Não sei porque endeusam tanto assim João Gilberto, acho estranho esse endeusamento todo. Ou não teria nada de estranho? Ou estranho sou eu? Ou o quê?

Enxaqueca?

Não, velhice!

E na bunada dinha?

Estou naquela situação: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Quer dizer: não há solução, só há dissolução.

Criacionismo é questão de fé, evolucionismo é ciência. Ciência e fé se excluem. O que não impede ninguém de “acreditar” no que quiser, com ou sem bases. Afinal, eu sou a verdade e a vida, não sou? Somos todos.

Uma coisa é certa, meus caríssimos amigos: a situação geral é crítica mas pelo menos posso encontrar momentos de grande satisfação quando estou bebendo minha cervejinha, por exemplo, minha cachaça, meu vinho, meu uísque. É sério! Fico satisfeito! O chato é que esses momentos todos são rápidos, fugazes, o que felizmente não chega a atrapalhar esses meus momentos. É como se fosse a eternidade de um instante, conforme recitava o poeta. Ou como aconselhava Homero: *carpe diem*. Assim, tudo se torna urgente, não por causa da urgência, mas porque o tempo é curto mesmo, quer dizer, quem está com 72 anos ou mais tem o tempo curto, óbvio! Cada um que aproveite como puder!

Como dizia Décio Trocadilhista: os imortais também morrem.

O problema é que, além da catarata, agora tem também a ameaça da dentadura, sem falar no câncer que ameaça por todos os lados.

Tem também o último livro que pretendo comprar: Big Sur Hyeronimus Bosch, Henry Miller. (O livro que escrevi sobre Henry Miller chama-se *Nosso Senhor Henry Miller*.)

Ou seja: a essa altura dos desacontecimentos...

Quer dizer: “Como construir algo com esperança num mundo que se desfaz?” (Arnaldo Jabor).

Foda. Muito foda. Fodíssimo.

Carnificina na Índia. Tiroteio no túnel Santa Bárbara. Chuva arrasa Santa Catarina e Espírito Santo. Como dizia José Saramago: se Deus existe, esqueceu de Santa Catarina.

SEM DOR, POR OBSÉQUIO...

Romance, ótimo filme do brasileiro Guel Arraes.

E Deus não está nem aí, muito menos em Santa Catarina.

Chato não é ter a mulher supervisionando as coisas, a gente fica jogado por aí no apartamento. Quer dizer: sozinho, isolado, já que ela está viajando. Como bom mineiro mantenho sempre as aparências, mas continuo achando chato e doloroso sair da rotina, me deprime. E não sei se tem outro jeito de ser diferente. Ou tudo não passaria apenas de dramalhão, neurose, depressão, o cacete? É a idade ou é o quê? Como se estivesse num impasse? (Como se.)

A verdade é que entre sua música e suas coxas, continuo preferindo suas coxas.

Confirmando: “Cem mil anos são suficientes para perceber que o homem é uma espécie que não deu certo.” (Alberto Mussa, O GLOBO 11/1/09).

Mas e na sobrecoxa não vai nada não?

a verdade é que não deu certo mas tem também uma porrada de coisa que deu certo.

Mostrando um outro caminho para as Índias, Cora Rónai aproveita pra falar na “invariável dieta de pancadarias, tiroteios e perseguições da maioria dos filmes americanos”. (O GLOBO 22/1/09)

Quando éramos jovens, já éramos carecas.

Quem diria: somos velhos.

Não existe *outro* mais importante do que *eu* (Décio filosofante).

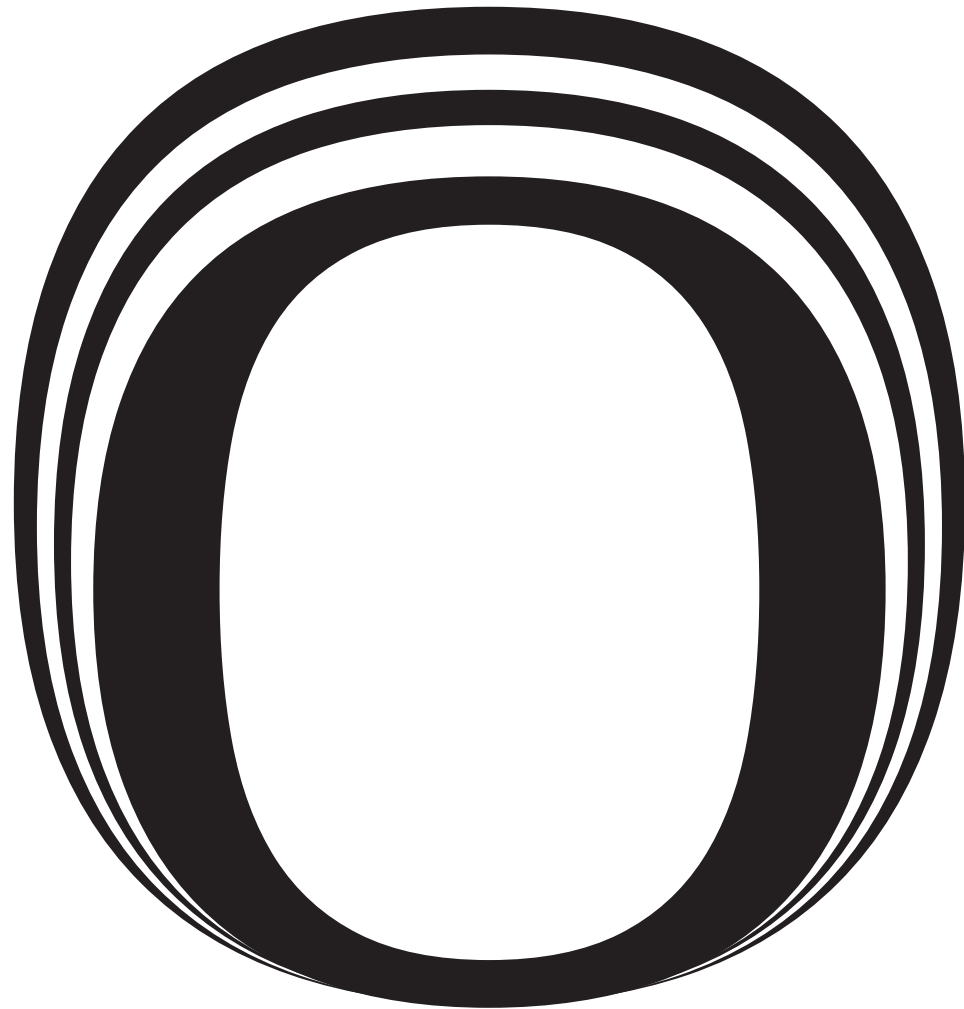
Coroas, livro de Mirian Goldenberg, estudo sobre corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade da mulher brasileira, lançado pela Editora Record em 2008.

Como dizia Zuenir Ventura, em sua crônica no GLOBO de 11/2/09: “é possível haver um Hitler escondido dentro de cada um de nós?”

E então: como é que ficamos?

LUIS GONZAGA VIEIRA

mineiro de Ouro Fino, publicou, em 1974, o livro de contos *Aprendiz de Feiticeiro* (Ed. Interlivros). Participou da criação da revista *Estória*, da *Revista Literária da UFMG* e da fase inicial do *Suplemento Literário* do “Minas Gerais”. Tem algumas dezenas de livros inéditos.



CÍRCULO

Conto de Marcílio França Castro

Desde que Arlt partiu, ninguém mais se preocupa com os acontecimentos. Às vezes, nos dias em que o Sol corre paralelo ao horizonte e as conversas proliferam, um de seus relatos é invocado, como argumento contra a previsibilidade ou para esquivar um costume. O testemunho de Arlt, ainda que solitário, afetou a curiosidade das pessoas, e certamente algum desequilíbrio vai permanecer. Sua memória, contudo, não ameaça o legado secular que, aqui, é uma dádiva do sono. Como nos tempos remotos, se o tom violáceo da abóbada se transmuta em chumbo, todos se recolhem em silêncio; alguns aguardam uma surpresa ao sonhar.

Enquanto espero, acompanho o incessante espetáculo. Neste lugar, durante extensos períodos, o Sol jamais se põe. Apenas dança pelo céu em círculos como um grande anel que bamboleia no horizonte. Em alguns momentos, chega a penetrar o gelo das montanhas, mas não se oculta completamente; num demorado impulso, sobe e retoma o seu trajeto.

Se a luz declina, acomodo-me; gosto de ver sair pelas terras brancas outra caravana rumo à borda. Entre os viajantes, não é difícil reconhecer os que, esgotados da própria genealogia, querem ficar sós. Ainda hoje me pergunto de que maneira será possível tocar esse mundo extremo e quase sem resistência, que se avizinha de tudo. Mas antes precisaria entender o meu próprio cansaço.

Foi Arlt quem me acolheu quando, já sem nenhuma lembrança, afastei-me da planície inundada de sargaços e atingi o povoado pelas margens

do sul. Por um longo tempo (semanas, meses?) deixaram-me descansar numa casa de amplas janelas, até que me acostumassem à paisagem e à luz. Aos poucos, Arlt e os outros iniciaram-me em sua língua repleta de consoantes (ela ainda não me parece menos estranha do que quando a ouvi pela primeira vez) e em suas hierarquias. Espontaneamente, aprendi os movimentos do Sol e do sono, seus processos. Uma força delicada me fazia aceitar sem contestação a intimidade daquele cosmo, ainda que não pertencesse a ele e o mirasse de suas beiradas.

II

Aqui os sonhos são hereditários. Mesmo depois de Arlt, ninguém os atribui ao acaso ou à intuição. Herdar um único sonho e repeti-lo incessantemente parece ser, entre tantos, o destino mais comum. Conheci homens que, por toda a vida, dedicaram o seu sono a um rosto, um perigo, uma melodia. Alguns aboliram a realidade; nomear um deles é pensar no sonho que o domina.

Lorz, filho de Z, sonha-se em uma ponte sobre um rio. Se avança para uma das extremidades, a ponte se estende e anula os seus passos. Como seus pais e avós, Lorz está condenado a permanecer ali e mirar a terra à distância: chega a entrever nas margens pequenas casas e encostas de limo cedendo sem parar à fúria do tempo e a novos lugares.

Na porta da casa de Arlt, onde me distraio da insônia e exercito algumas anotações, ainda presencio o encontro entre Porl e seu filho, quando aparecem nos bancos de areia para dormir. Estendem-se cada um em seu tapete, trocam palavras incompreensíveis e adormecem. Vejo-os depois repetirem um para o outro, cheios de entusiasmo e sem truques, os detalhes de um mesmo sonho, como se o narrassem pela primeira vez, como se aquilo os reanimasse e de fato lhes parecesse diferente. Se me afasto, o eco de suas risadas bruscas põe em dúvida a minha lucidez. Ao sonhar, os dois de algum modo dividem o mesmo espelho; juntos celebram uma espécie de imortalidade.

Há porém heranças menos monótonas. Alguns indivíduos, escapando à genética elementar, sonham duas ou mais histórias, caóticas ou relacionadas entre si. Outros, de estirpe mais complexa, têm sonhos em séries ou capítulos, dos quais às vezes se originam sofisticados diagramas. Nos casos extremos, mais que um sonho, herda-se um método: uma certa falha ou um imprevisto inauguram a trama; na seqüência, há sempre uma ramificação. Escolher uma passagem é vê-la de súbito duplicar-se, e assim progressivamente, de modo que é impossível avançar. Essa delusão perturba não apenas o futuro: a cada nova cena, a anterior se adapta ou se deforma, como uma máquina inevitável. Sem saída, o sonhador embaralha-se em uma sucessão de cálculos, versões, probabilidades. Dessa rede (quase um mito) pode-se derivar uma equação; alguns vão considerá-la a chave da própria hereditariedade.

Um certo aspecto ou um pormenor podem definir uma estirpe. Os sonhos com animais marinhos, por exemplo, supõem uma gênese comum. Em algumas descendências, no entanto, o que perdura e as identifica é uma sutileza, uma pata ferida ou um dorso de sal. Aparentemente desprezíveis ou insanos, muitos detalhes são descobertos ao acaso; de imediato passam a justificar uma afinidade ou apelidar uma família.

III

Narrar os sonhos, compartilhá-los, parece ser, mais que um jogo, uma forma necessária de sobrevivência. Ninguém esconde o mundo particular que trouxe do berço; difundir uma herança é torná-la um acontecimento.

Em um dia nublado, Darl atravessa as montanhas de gelo; vai montado num raro animal. Desce pelas barrancas e mira o despenhadeiro. Seduzido pelo abismo, seu corpo não resiste e desliza. No meio do nada,

ele ainda encara de relance o animal, que lhe sorri. A cena se repete mil vezes. Mil vezes Darl salta para as praias de calcário. Mil vezes o animal mostra-lhe os dentes. Essa morte o acompanha todos os dias e os amigos o reconhecem nela; impõe-se a todos como uma realidade, e Darl vive como um suicida.

Aprendi, porém, que esses sonhos não esclarecem mais do que são. Nenhuma alegoria guarda o sorriso do animal, a fraqueza de Darl não o faz desprezível; sua morte não passa de uma contingência. Esse universo raso e admirável despreza interpretações; nele o sonho é um fato hereditário, tão concreto como a cor dos cabelos ou um modo íntimo de dobrar os lábios.

Chego a supor que tal esquema não pode ser casual; a natureza adapta-se, e talvez queira tornar mais suportável um céu que jamais escurece. Ao longo do tempo, entretanto, imperceptíveis mudanças são possíveis e se insinuam, como as velhas geleiras que deslocam em silêncio seus ângulos e suas sombras.

IV

“ Paisagens emprestadas são hoje o meu passado e com elas engano a solidão. ”

Ainda que não compreenda os relatos que ouvi, ainda que apenas os intua ou os simule, minha memória sem chão guarda sobras e pedaços de sonho a ponto de considerá-los seus. Uma mente insuficiente e presa a generalidades necessita deles, apega-se a detalhes que não lhe pertencem para criar suas falsas particularidades e pequenas ilusões. Se tento alcançar lembranças remotas, mas pessoais, toco o abismo. Nesse extremo reconheço apenas a mancha dos sargaços flutuantes e o estalo de minhas sandálias na planície gelada, que toma conta de tudo. Paisagens emprestadas são hoje o meu passado e com elas engano a solidão. Apossei-me das terras brancas e dos vales de calcário, conheço as ruas de gelo e areia, os muros concêntricos, os pátios de sal (estão em toda parte). Sei que sob a faixa rósea do céu, para onde os viajantes não caminham e de onde chegam os ventos, há estátuas de argila e aldeias de corais. Em alguns momentos, essas riquezas me parecem tão pessoais e verossímeis que suspeito ser uma fraude o meu próprio esquecimento.

V

Tenho dúvidas se foi casual o meu encontro com Arlt, quando escapei do charco para dentro deste círculo; confesso que a hipótese de alguma premeditação sempre me amedrontou e enfraqueceu. É também intrigante que, durante todo esse tempo, ninguém tenha discutido abertamente a condição de Arlt, como se ela pudesse não ser invulgar. Apenas aos poucos dei-me conta do sutil constrangimento que a alusão ao seu nome despertava: Arlt não trazia no sangue a herança dos pais. Como quem hospeda estranhos e se entrega a suas pequenas selvagerias, Arlt sonhava apenas os sonhos de outros, sonhos desconhecidos. É provável que ignorasse a repetição e o passado. Filho de ninguém, Arlt acolheu como um cavalo a fúria dos ventos inesperados e se tornou seu fugaz herdeiro. Uma mutação ou uma falha explicariam essa genética imprevista; mais difícil era entender o meu aparecimento.

Ao contrário de Arlt, mal consigo cerrar os olhos, sobrevivo como um peixe em vigília e não tenho sonhos; contudo, essa falha, como a dele, também me retira o direito a uma genealogia. Há algo de comum entre nós: ambos sujeitamos a memória a uma lei desconhecida e de certa forma perversa, uma planície que nos espreita e nos conduz a lugares que jamais podem ser familiares.

VI

Sempre me agradaram os sonhos das mulheres. Entre mães e filhas, mais que entre os homens, impõem-se as mais refinadas tradições. Conheci uma discreta linhagem cujas

representantes consagravam seus sonhos a mundos vazios ou ausentes (os parceiros sempre se submetiam ao seu sangue). Cultivavam não apenas a imensidão tirânica de desertos e oceanos, comum a várias gerações, mas também formas menos esperadas e mais elegantes de ausência, como uma queda sem chão, uma lembrança irrecuperável, um sapato solto sobre a neve. Uma dessas herdeiras, Ann, revelou-me as mais perfeitas formas de ausência: o exílio, o círculo, o silêncio.

Arlt, com a liberdade e o risco que seu destino incomum lhe permitia, chegou a experimentar o mundo recuado dessas mulheres. A intimidade delas o perturbou: pressentiu que o vazio alheio era a forma mais aproximada do seu próprio ser.

VII

Wicz herdou um sonho de natureza classificatória. Criava taxonomias, erguia inventários e manuais. Vasculhou por muito tempo as algas e os peixes; a cada um deles deu uma categoria e um nome. Rejeitava a contradição, a ambigüidade e as induções do pensamento. Se lhe desafiava um tema, cercava-o com postulados e (como a um império) o exauria. Esse procedimento, para muitos insensato ou inútil, sucedeu-se em fracassos – o mundo perturbador de uma mulher o aniquilava.

Helm herdara a negação do sonho de Wicz. Sua experiência se reduzia a elementos vagos e imediatos: um monograma, uma bola, um ponto de luz. Um cenário mínimo se projetava em



IX

seus sonhos, sem qualquer possibilidade de codificação. Mencionar tal universo era imobilizar o de Wicz; diante dele, sua face empalidecia e murchava. A fúria criteriosa de Wicz não resistia à simplicidade dos traços de Helm. Descobriu-se, a partir desse episódio, que uma intrincada combinação de genes poderia estabelecer duelos entre sonhos distantes.

Suspeito que toda essa genética, aparentemente inerte, de algum modo favoreceu as formas oblíquas de comportamento. Acontecimentos desprezíveis costumam tornar-se um vício e espalham-se. Um pormenor obscuro pode levar facilmente a uma generalização. Não sei até que ponto minhas idéias artificiosas (e sua enganosa correção) são capazes de resistir a essa lógica. A especulação é uma forma atraente de inteligência, que minha memória antiga (se existiu) certamente deve ter repudiado, e que agora me atrai, com seus mapas enrugados e cheios de minúcias.

VIII

Entre as barrancas que descem à praia escondem-se jardins de pedra. À sombra deles, Arlt praticava o sono e certas leituras, como se estivesse em liberdade. Muitos também se reuniam ali para ouvi-lo e às histórias que não lhe pertenciam, que podiam ser de qualquer um, e que todos tinham se acostumado a chamar simplesmente de acontecimentos. De vez em quando, no meio da narrativa, alguém o interrompia e se apresentava como o herdeiro legítimo de um enredo ou de uma cena. O anúncio dessa posse não provocava embaraço nem alegria. Arlt apenas acenava com a cabeça e continuava a falar, como quem restitui um presente.

No último sonho que narrou antes de partir, Arlt, na pele de um velho, manuseava uma espécie de livro. Abria uma das páginas, punha a vista na primeira linha, e não conseguia ler; ao tentar capturar as letras no papel, elas instantaneamente desapareciam. Percebia apenas o vulto preto dos caracteres se apagando para os seus olhos. Abria outra página, tentava mais uma vez, e as letras novamente escapavam, uma após a outra, como um dominó invisível. O velho intuía que alguém, num lugar distante, capturava aquelas letras; e esse alguém era Arlt.

Sabe-se que a mãe de Arlt (assim como os seus ascendentes) evocava o alfabeto e o manipulava; em seus sonhos, adicionava vogais e ideogramas à língua de uso comum. A tradição paterna, quase sem variações, possuía o talento de duplicar objetos. Chegou-se a conjecturar que uma inusitada combinação dessas linhagens tivesse gerado a anomalia que distinguia o filho. Mas a idéia era óbvia (ou obscura) demais para ser considerada.

A atração por sonhos alheios sugeria um salto perigoso e sem volta e inaugurava uma ordem impessoal e infecunda. Havia ali uma forma oblíqua de afeto, a cujo apelo tão casual talvez fosse difícil resistir. Mas ninguém testemunhou a partida de Arlt; tampouco posso afirmar que o vi evadir-se pelas barrancas na direção da planície em que me recebeu.

Mesmo na ausência de Arlt, eu ainda acompanho as expedições. De tempos em tempos, pequenos grupos atravessam as terras brancas e caminham para onde é mais luminoso o horizonte. Ali o círculo dilata-se em desertos de neve, com sua superfície lacunar e incerta, seus estrondos e suas erosões. Sob rochedos de faces cambiantes, pressente-se o mar. Uma fenda pode intervir nos sonhos e fabricar pesadelos; os homens cospem no chão várias vezes para se livrarem do mal, e narram os seus sustos.

No extremo dessa genealogia, quase ninguém percebe quando um dos viajantes se afasta e não volta. Bordeja a linha do círculo para finalmente desvanecer-se nela, sem deixar sinais. Talvez essa criatura, traída por uma oscilação da claridade, seja enfim arrebatada, e não se distinga mais dos sonhos que a acompanharam.

Desde que cheguei, estou tomado pela insônia; os dias invariáveis me entorpecem. Para resistir, refeito desenhos e notas, busco novas paisagens e celebrações; já percorri as fímbrias mais surpreendentes desta aldeia, mas não consigo ingressar no seu tempo, que permanece inviolável para as minhas mãos. Os adultos tratam-me com formalidade, as crianças não pronunciam meu nome. Certa vez falaram que eu era um sonho de Arlt, ou o filho que ele inventou às avessas, para se consolar. Seria este um artil sem graça, se não fosse uma ingenuidade: jamais alguém tão precário serviria a essas prodigiosas formas de existência.

Quando uma rara brisa do sul traz o odor primitivo dos sargaços (esta lembrança me pertence?), estremeço. Esse estado de dolência torna ainda mais difícil reconhecer o mundo que quero penetrar; esquivam-se os bancos de areia, as travessias, os bichos de coral. A terra e os barulhos estão mais lentos, mas não durmo. Repetidas vezes, para meu espanto, atravessa-me o lampejo de um vasta noite, seu breu inesperado e sublime. A sensação é vertiginosa; pergunto-me se poderia ser eu o único responsável por ela, seu herdeiro ou seu dono. Precipito-me nos flancos dessa escuridão (não é um mundo pertencente a Arlt, não agora) e por um breve instante creio que adormeci. Um tremor primário parece elevar suavemente o barro das minhas entranhas, como se pela primeira vez eu experimentasse a novidade de um sonho, como se encontrasse uma passagem. O evento não perdura; uma torrente de águas poderosas o afasta. Giro a cabeça, estou novamente de frente para o Sol, com os olhos bem abertos, à espera.

MARCÍLIO FRANÇA CASTRO

nasceu em 1967 em Belo Horizonte. É doutorando em Literatura Comparada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em Estudos Literários pela mesma universidade, onde também se graduou em Direito e em Letras. Participou da antologia *Os cem menores contos brasileiros do século* (Ateliê editorial, 2004). "O círculo" foi selecionado para a antologia do Prêmio Luiz Vilela de 2008.

Daqui a pouco você virá. No velho ar arredio ou mais acessível aos meus ais? Ah, Darlan!... Tudo tão presente, seu jeito largado, a ginga esbelta, o balanço mais do braço direito – imperceptível a olhos outros. Hipnotizada pelo relógio da igreja eu aguardo, refém de mim mesma numa praça interiorana. O caminho margeado por hortênsias trará você em tragadas displicentes do cigarro, ou entendeu enfim os malefícios do fumo?

Contra o crepúsculo agonizante recorto a silhueta e quase sinto o cheiro escuro e liso dos cabelos. Mas nego-me a mesclar o calor sensual da voz com o frio cortante da crítica. Treinei manhas e malícias para burlar seus decretos. Não me pega mais em falta por conta de ingenuidade e transparência. Nem me arrisco a frustrar outra vez ao caçador nato, facilitando o bote. Interpreto uma presa arisca, incenso o ímpeto aventureiro e agrado-lhe o ego.

Não sou mera coadjuvante nas estações de seu amadurecer para a vida: cinco anos a protagonista da história ainda sem o epílogo fui a sua Marlene, eu. Daí o ponto final reivindico a meu modo.

Daqui a pouco você chega.

Justo no lusco-fusco da Ave Maria em maio, quando a noite apressa-se em acender os astros. A lua já se delinea redonda para o mútuo iluminar do avistarmos. O peito taquicarde, sim, será bom revê-lo, mas a razão alerta para os empecos de um entendimento adiado. No limiar do emocional e do racional o possível saciar da ausência. Nostalgia de você, das descobertas comuns ou de uma fase de sonhos?

Daqui a pouco tocarei os longos dedos ousados no escuro do cinema.

Primeira decepção. A segunda? Uma inconfidência de meu irmão esquartejou, num golpe, o príncipe encantado: ele também aderiu ao comércio da zona boêmia.

Não ria. Idealizei-o especial e único, algo como alma gêmea, a outra metade. Quê fazer? Continuo uma fora de moda, mas já não creio em almas gêmeas, sim em compromissos transcendentais de livre escolha. E você? Um simples conhecer não dilataria minhas pupilas ao primeiro olhar. Ofuscou-me foi o reconhecimento.

Filosofia de folhetim, você dirá, caso eu mencione a crença em resgate, numa vida futura, do tempo em suspense. Então ensaio máscara indiferente e grifo o seu querer balbuciante.

Daqui a pouco você virá – de peito aberto?

Faremos planos, talvez. Você sabe, Darlene... Nosso nome fundido em nova geração dilata o laço ao tempo grávido de esperas. E o primogênito Marlan, diremos do projetado herdeiro? Tanta coisa depois, quanta?, ainda faz sentido?

Daqui a pouco nos mediremos, alto a baixo, ações e reações.

Livre-me da neurótica busca de aprovação, e a escolha do local meio decadente, para o encontro, chancela a independência. Minhas razões não o tocariam. Você reclamará, alegará melhores opções e eu me calarei. Claro, nada lhe diz o cenário da iniciação de uma mulher.

Ironia não, por favor. Sei, foi apenas um beijo de colegiais em excursão. Mas quanta expectativa, magia e significado! O beijo suado de atleta amador silenciou a rouquidão da torcedora, calou fundo nas ilusões juvenis e assinalou longa dependência afetiva. Neste banco de cimento você desatou o laço ingênuo e inaugurou anseio de mulher. Um casto toque sacramentou o primeiro amor para todo o sempre.

Enganei-me, enganamo-nos. A relação turbulenta inviabilizou o final feliz: a cada mês, brigávamos um trimestre. Média matemática. Mal assimilávamos o novo outro (in)experiente mais noventa dias e, perplexos, já nos dávamos as costas.

Daqui a pouco.

Depois desse tempo, quanto?, é surreal. Mentira bem trajada desnuda a alma para um homem meio fictício. Desde certo apelo ignorado tomou-me estupefação e despeito.

Daqui a pouco eu vou – você disse no dia fatal.

E um mal entendido à toa perseverou no noivado-surpresa. O anel em dedo recém-chegado no lugar deu xeque mate a perspectiva de aliança na mão nativa. Tardou um bocado, mas.

Daqui a pouco você vem por iniciativa própria.

Condicionei hora e lugar. Aprendi explorar possibilidades do se. Em campo neutro, longe da nossa cidade, definiremos a tática para o jogo decisivo. Aqui inexistiu torcida organizada contra, e testemunhas de faltas cometidas.

Suas reticências ao telefone elastecem viabilidades de ajuntar fiapos e desvirginar esse amor. Mas não garanto olho no olho, e você me estenderá a mão com cerimônia. São típicos de você os gestos polidos

Conto de Alciene Ribeiro Leite

Penélope

ALCIENE RIBEIRO LEITE

é mineira de Ituiutaba. Tem vários livros de contos publicados, além de obras destinadas ao público infanto-juvenil.



e palavras duras. Distingui-me com polidez e franqueza rude na única vez a sós depois do definitivo bifurcar dos caminhos.

Mágoa mal resolvida embolou-se a um gosto de perda idiota nas bocas. O clandestino daqueles minutos limitou-se ao beijo proibido, despedimo-nos virgens como ainda de maiores ousadas.

Daqui a pouco se materializa para mim o status perseguido com obsessão.

Você chegou lá alquebrado por longo estágio ao balcão. Testemunha da submissão da Senhorita Insegurança da Silva, a lhe beber, debruçada, o hálito em exigências descabidas de passos, gostos, desgostos, amizades. Todas acatadas. Um ponto a menos para mim.

Amei um nome obscuro, hoje sinônimo de arrojo e competência. Mas a grafia é a do estudante amarrotado em alguma gaveta na casa da mãe. Mudaram os papéis que você rubrica, se mudou a pessoa é lícito duvidar.

Daqui a pouco verei como administra as contradições.

Pode conciliar a raiz caipira com o verniz da metrópole que o adotou? Saberei de alavancas e guindastes em oposição aos diques da ascensão. Sou prova de que as eclusas emperraram por desuso. Ou não fui além de trecho forasteiro ao seu navegar vida afora?

Sei das infidelidades à esposa – que Deus a tenha, e por certo me indagará se as más línguas procedem. Não direi sim, nem não. Concedo-lhe o benefício da dúvida, dieta adequada à índole possessiva.

Se houve deslizes na minha história com o outro é assunto meu e dele. Questão de respeito à memória de um homem bom, que me amou de veras, e relevou as crises de melancolia.

Daqui a pouco Darlene e Marlan serão lembrados sim.

Ela fez-se carne de minha carne e por uma espécie de osmose orgânica – pasme!, de você herdou o jeito latino de ser. Enquanto o seu menino soma-se à feira dos júnior. Ponto para mim.

Daqui a pouco passos familiares ressoarão na alameda.

Resgatarei pedaços empenhados com você. Solidária, a lua velará detalhes que o sol acusaria à comparação com outras mulheres, quantas? A maturidade privilegia o masculino, rugas de expressão e têmperas grisalhas, em detrimento do feminino.

Daqui a pouco se decifra o enigma daquele adeus.

Meio alheado dos apertos de mão você atentava aos populares em acenos de boa viagem. Eu pensava vê-lo a discreta distância, mas fui flagrada entre os rostos anônimos. À revelia, fiz-me dínamoelétrico do seu engolir em seco. Carecia de extintores e seus olhos expediam chamadas. Consumimo-nos dez segundos no incêndio do-que-poderia-ter-sido.

Segurança de primeira dama nos documentos, sua esposa interceptou ao braço esquerdo a promessa em combustão. Um sexto sentido tornou-a vilã da hora. Júnior apenas foi aliciado pela bulha lisonjeadora em torno do pai, distante e mandão, imagino. Atônito ao braço direito, o garoto manietou um entendimento já calcinado.

Rompido o elo do momento derradeiro, o jatinho decolou rumo a um céu molhado. Lágrimas de vinte, trinta, quantos anos?... Dou-me conta de que você virá de braços com a aposentadoria e o pigarro do vício antigo. Lógica cruel e verdade madrastra.

Sabe de uma coisa? Minha saudade dispensa bengala. Se me apressar, ainda alcanço o ônibus noturno.



revisitada

NEWPORT

Kiko Ferreira

de certo

decreto

vertigens

poderes

de deus

feito

fossem

meus

lixo

prolixo

a preço fixo

(“astronauta”:

uma palavra para os fãs)

sal e silêncio

entre

riscos

de giz

nada

de digno

que se diga

diz nada

de novo

fica decretado

por voto

e extinto

o que

antes era

o povo

só livre

da liberdade

se pode cantar

ácido & ócio

o amor

feito

(de) bala

de menta

tudo muito culto.

tudo muito curto.

aparado curto.

aparado.

mestrado.

calculado.

doutorado.

o caos

ao acaso

por acaso

soa

raso

KIKO FERREIRA

mineiro de Belo Horizonte, é poeta, crítico musical, letrista e radialista. Seu mais recente livro de poemas é *Musikaligrafia* (Scriptum, 2009).

sometimes i wonder wonderful times